

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 45 XDR

Data: 11/02/82

Pg.: _____

Índios disputam chefia da tribo após o golpe comandado pelo pajé

MACEIÓ (AJB) – Divididos entre dois grupos, os quase 600 índios Xucurus-Kariris, localizados em Palmeira dos Índios, a 137km da capital, iniciaram esta semana uma briga que já deixou 5 deles feridos gravemente. Os dois grupos disputam a chefia da tribo, no desdobramento do golpe de estado que foi dado no ano passado por 4 dos 13 membros do conselho tribal, liderados pelo pajé.

O delegado de polícia de Palmeira, capitão PM José Mendes Fonseca, ao informar, ontem à Secretaria de Segurança Pública, sobre a situação dos Xucurus-Kariris, narrou que o conflito se deu esta semana e os índios utilizaram flechas, tacapes e armas brancas. Não houve mortes, mas o delegado teme que novas agressões sejam consumadas devido ao estado de animosidade entre os dois grupos.

De acordo com radiograma passado pelo capitão José Mendes, tudo começou quando o cacique deposto pelo golpe, Manoel Celestino, que é sobrinho do pajé, tocou fogo na maloca do índio Arestides Ferreira, filho do cacique José Ferreira, nomeado pelos golpistas. O grupo de apoio a Ferreira, investiu contra os índios liderados por Manoel Celestino, saindo cinco feridos que foram internados no hospital regional de Palmeira dos Índios.

Estão feridos os índios José dos Santos, Ramiro Macário dos Santos, Agamenon Celestino da Silva, Matias Macário dos Santos e Paulo Ferreira. O cacique José Ferreira viajou para Recife, a fim de pedir socorro a delegacia regional da Funai, de acordo ainda com o delegado de polícia José Mendes, em vista disso, o diretor do Departamento de Polícia - Depol - coronel Estevão Rego, orientou o delegado para somente intervir na tribo caso a Funai ou o seu representante na aldeia venha a solicitar.

COLONOS Vs. INDIOS

A paciência tem limites e até mesmo Jó pai desta virtude, já teria perdido a cabeça, se fosse fazendeiro ou colono no município de Bertópolis. A advertência é de fazendeiros, em carta dirigida ao governador Francelino Pereira, protestando contra a situação dos colonos e fazendeiros que moram próximo da reserva indígena dos Maxacalis.

Os fazendeiros de Bertópolis - Laurindo Pereira Sena, Valdevino da Silva Cabral e Manoel dos Santos Pinheiro - reclamam da resposta do Ministério do Interior, pedindo paciência para a solução de uma situação desesperadora, e alegam que chegou a hora das providências e não paciência. A carta foi distribuída à Imprensa pela Federação da Agricultura de Minas.

Os fazendeiros afirmam que os índios Maxacalis acabaram com todas galinhas, porcos, roupas e agasalhos que os colonos possuíam, num raio de mais de 30 quilômetros em torno da reserva, além de 1 mil cabeças de gado abatidas pelos índios nos últimos anos.

Observam ainda que já perderam a esperança de resolverem o problema através de diálogo. Argumentam que se o índio é tutelado do Governo Federal através da Funai, cabe a esta fundação assisti-lo e sustentá-lo.

A Funai se omite deliberadamente, deixando de exercer o poder de tutela e negando-se a dar uma assistência mínima necessária aos índios Maxacalis, porque encontrou um bode expiatório que vem ao longo destes anos arcando com o ônus da sua manutenção. Mas os colonos e fazendeiros da região estão cansados e sem condições financeiras, para continuar sustentando 500 índios famintos, para que a Funai economize suas verbas para aplicá-las em mordomias, afirmam. A correspondência ainda não foi respondida pelo governador de Minas.

Terena quer reconhecer a UNI

CAMPO GRANDE (AG) – O presidente da União das Nações Indígenas (UNI), o índio Terena Domingos Veríssimo Marcos "capitão Domingos", afirmou que mantém um contato permanente com a Ordem dos advogados do Brasil (OAB), para tentar uma representação contra a Funai, já que esta não reconhece a existência da UNI, e sequer recebe seus representantes.

Domingos e o cacique Modesto Pereira, ambos Terenas, da aldeia de Bananal (município de Aquidauana, cerca de 132 km de Campo Grande), estiveram em Brasília nos dias 21 e 22 de janeiro, tentando marcar uma audiência com o presidente da Funai, Coronel-aviador Paulo Moreira Leal, mas através do cel. Silveira, diretor do Departamento Geral de Operações, souberam que "por ordem do sr. presidente da Funai os senhores não serão recebidos como integrantes da diretoria da União das Nações Indígenas, uma vez que a organização não é reconhecida pela Funai".

– Nós falamos com cel. Silveira que não poderíamos fugir ao compromisso com centenas de irmãos índios - disse o capitão Domingos - e insistimos em ser atendidos como diretores da UNI, o que foi então, terminantemente, negado.

"Com esta atitude", continua o capitão, "a Funai demonstrou, mais uma vez, seu total desinteresse pelos problemas dos índios, ainda mais quando disse, na pessoa do seu presidente, não reconhecer a União das Nações Indígenas, uma entidade formada pelos próprios índios, que tem a finalidade de trabalhar com os índios, para eles e com eles, como legítimos representantes das tribos".

Ainda segundo o "capitão Domingo", a UNI não é uma organização contra o governo nem contra a Funai, e visa, tão somente, construir um terreno sólido para a adaptação e integração do índio à sociedade - pagando seu tributo como sempre - mas defendendo, intransigentemente, seus direitos expressos na legislação brasileira.